

### CHAZAN, LK. “Meio quilo de gente”: um estudo antropológico sobre ultrassom obstétrico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. 230p. Coleção (Antropologia e Saúde)

#### Sílvia Reis

psicóloga, com residência em Saúde da Família e Comunidade, Analista Técnica de Políticas Sociais no Ministério da Saúde, mestranda em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília.

E-mail: [silviasreis@gmail.com](mailto:silviasreis@gmail.com)

#### Larissa Polejack

psicóloga, doutora em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, pós-doutora em Saúde Pública pela Tulane University/ New Orleans, professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, pesquisadora do Laboratório de Psicologia da Saúde e Desenvolvimento, coordenadora do Grupo de Estudos, Intervenção e Educação em Psicologia, Cronicidades e Políticas Públicas em Saúde - INTEGRA.

E-mail: [larissapolejack@hotmail.com](mailto:larissapolejack@hotmail.com)

#### Corpo, biotecnologização e saúde

A temática da biotecnologização da saúde e a incidência de estratégias de controle sobre o corpo das pessoas e das coletividades tem grande atualidade, em tempos em que o consumo de equipamentos tecnológicos e o controle da vida parecem atualizar sincronicidades. A psicanalista Lilian Krakowski Chazan, em “Meio quilo de gente”, analisa a biotecnologização do pré-natal.

O livro tem como base sua tese de doutorado, defendida no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), elaborada a partir de pesquisa etnográfica em serviços de ultrassonografia obstétrica.

Os dois primeiros capítulos são introdutórios. No primeiro, que trata das construções acerca do olhar e do corpo, Chazan analisa o lugar que o “ver” ocupa na contemporaneidade. Inicialmente, coloca que “o olhar é um sentido que é construído socialmente e que existe uma interação constante e constitutiva entre os corpos dos sujeitos e a cultura na qual esses sujeitos se desenvolvem” (p.26) e, a partir de uma perspectiva Foucaultiana, destaca que “as tecnologias visuais, médicas e não-médicas, passaram a constituir na atualidade

um dos importantes dispositivos de biopoder para o gerenciamento da vida.” (p.36) Para o exercício do biopoder lança-se mão de tecnologias como a fotografia e o vídeo, por exemplo, e, dentro do campo da saúde, dos exames de imagens. O que se vê e o que se mostra se entrelaça na criação de padrões (de beleza, de saúde, de ser e viver) e verdades. Assim é, também, em torno da gravidez que, a partir da mediação de tecnologias como o exame de B-HCG, o sonar e, por fim, a ultrassonografia obstétrica, passa a ser um fenômeno que necessita de confirmação diagnóstica, que é passível de vigilância e controle e que está imerso na cultura do espetáculo. No segundo, Chazan apresenta outros estudos antropológicos sobre o tema que trazem questões como a “medicalização da gravidez, do feto, e sua construção social como pessoa antes do nascimento mediada pela ultrassonografia obstétrica.” (p.61)

A perspectiva metodológica da pesquisa, a etnografia, é apresentada no capítulo 3. Neste, Chazan conta sobre sua inserção em cada uma das clínicas e suas relações com os profissionais médicos. Tece, também, reflexões sobre sua “dupla” identidade, como ela diz, pois que é médica e

psicanalista, ou ainda a “tripla”, se acrescentarmos que é também pesquisadora. Nesse sentido, percebemos, por meio de sua escrita, que Chazan observou o campo, em alguma medida, através de todas essas lentes, deixando clara a inexistência de neutralidade por parte do pesquisador, questão bastante afeita também às pesquisas qualitativas na saúde. O quarto capítulo trata da etnografia propriamente dita e o foco recai sobre a interatividade entre os “espectadores” presentes da sala onde se realizam as ultrassonografias obstétricas e as inter-relacionadas objetividades e subjetividades. Esta interatividade, para Chazan, “possibilita a construção do ultrassom obstétrico como espetáculo e objeto de consumo, o reforço da medicalização da gravidez e da produção de verdades ‘científicas’ acerca do feto e da grávida, além de ser uma importante ferramenta para a construção de subjetividades e do gênero fetal.” (p.84) “Mostrar o neném”, ensinar a gestante a ver algo naquelas imagens e tranquilizá-la fazia parte do repertório de todos os profissionais. Porém, Chazan observou também que haviam respostas específicas dos profissionais para situações também específicas, tais como a presença de anomalias, brigas entre o casal, presença de muitos acompanhantes etc. Chama a atenção o fato de os profissionais se incomodarem com a falta de reação de alguma gestante frente ao exame (ora, como se todos tivessem que, necessariamente, significar aquele momento como um show). Pela narrativa percebe-se a tensão entre o aspecto médico e o espetáculo, como Chazan comenta. Interessante, também, os cuidados que os profissionais tomam na escrita do laudo e o fetiche pela determinação precoce do sexo fetal. Diante disso, Chazan aponta para a construção de uma “cultura visual” peculiar que reforça a percepção da gestação como um “assunto médico” e para a “tecnologização” da gravidez.

A produção de verdades a partir da ultrassonografia obstétrica é o foco da discussão do capítulo 5. Quatro aspectos, nesse sentido, são levantados: 1) a produção de verdades médicas no que se refere à saúde materna e do feto; 2) a produção de verdades não-médicas e construção do feto como pessoa, a quem é atribuído subjetividade; 3) o modo como as

verdades médicas são manejadas quando há alguma patologia fetal; e 4) o mito da objetividade da imagem ultrassonográfica. Neste capítulo, as descrições dos momentos de realização de ultrassonografias e as transcrições de trechos dos diálogos transportam o leitor para dentro da cena. Como pontos importantes, destacam-se a questão do ultrassom como possibilidade de antecipar a tomada de conhecimento acerca de uma anomalia (que outrora era sabida apenas na hora do parto), o que por um lado pode acalmar a gestante, por outro reforça a vigilância tecnológica sobre o neném (mesmo que não haja possibilidade de intervenção na maior parte dos casos de anormalidade). O fato de a maioria das ultrassonografias obstétricas serem normais, entretanto, é o que reforça seu lugar de espetáculo e objeto de consumo.

Esses pontos – o lugar de espetáculo e o objeto de consumo – são abordados mais a fundo no capítulo 6, que é seguido pela discussão sobre a construção de gênero e subjetivação do feto, no último capítulo. Com relação ao sexto, destaco os seguintes aspectos: há uma via de retroalimentação positiva com relação à sessão ultrassonográfica como espetáculo (ou seja, gestantes demandam e médicos reproduzem, e vice-versa); que o clima de espetáculo (ou até mesmo o próprio espetáculo) é interrompido quando se revela uma patologia fetal; que o espetáculo que dá visibilidade ao corpo do neném “invisibiliza” o corpo da mulher (no que diz respeito à intimidade e ao pudor). Chazan aponta ainda que parece estar implícito um misto de curiosidade e necessidade de controle do feto, por parte das grávidas. Por fim, quando trata da construção de gênero, o ponto que mais chama a atenção é como se reproduz, desde o feto, as concepções prevalentes na sociedade sobre o masculino e o feminino.

O texto de Chazan é muito bem construído, as ideias são claras e os trechos das observações selecionados para ilustrar estas ideias se concatenam muito bem com a escrita, sempre com primorosas descrições. Consideramos, entretanto, que algumas ideias são apresentadas de forma repetitiva e outros elementos talvez nos pareçam óbvios nos tempos atuais: a

ultrassonografia obstétrica é tomada como uma mercadoria, assim como outras tantas tecnologias de cuidado em saúde, especialmente no âmbito privado. A banalização da imagem e a sociedade do espetáculo, características da nossa atualidade (exemplificada pela publicação em massa nas redes sociais de fotografias que expõem diversos aspectos da vida pessoal, inclusive imagens de ultrassonografias obstétricas), se mostram, naturalmente, também no contexto da saúde. O desafio é como criar linhas fuga para construir outras subjetividades.

Este desafio se coloca, também, para o Sistema Único de Saúde, que tem enfrentado tensões para manter a lógica de cuidado contrária à mercantilização da saúde. Está preconizada pelo Ministério da Saúde (MS), no pré-natal de baixo risco, a realização de 1 (uma) ultrassonografia obstétrica por gestante (Portaria MS/SAS nº 650, de 5 de outubro de 2011, Anexo III) e, conforme protocolo de atenção à saúde das mulheres na atenção básica, recentemente publicado (2016),<sup>1</sup> os profissionais da Atenção Básica devem conhecer as indicações do exame ultrassonográfico na gestação e definir, conjuntamente com a

gestante, o momento mais apropriado de realizar o exame, destacando-se que, quando realizada precocemente, ainda no primeiro trimestre, a ultrassonografia auxilia na definição da idade gestacional. No mesmo protocolo, o MS destaca que a realização de ultrassonografia em gestantes de baixo risco tem gerado controvérsias, pois não existem evidências de que melhore o prognóstico perinatal, além da grande variação da sensibilidade do método.

Nesse sentido, ainda que o livro não seja recente, o debate sobre o consumo excessivo de tecnologias de cuidado permanece atual. Sugere-se a leitura uma vez que a descrição e análise antropológicas trazidas ilustram cenas familiares aos profissionais que trabalham com mulheres em período gestacional e problematizam discursos que medicalizam a gestação. Entendemos que a ultrassonografia obstétrica, tem sua importância, mas este livro é um convite para a reflexão no sentido de que esta não se torne um objeto de consumo em si mesmo e que o significado, o desejo de ver as imagens fetais, bem como sua representação, são singulares ao universo de cada gestante, e assim devem ser consideradas.

### Referências

<sup>1</sup>Ministério da Saúde (BR). Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.